

DA CONJUGALIDADE À PARENTALIDADE: MUDANÇAS NOS PAPÉIS SOCIAIS DO CASAL NA EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO FILHO

Maria Isabela dos Santos Conceição¹, Francisco das Chagas de Araújo Maciel², Filipe Adler Maia Carvalho³, Maria Zilda Faria de Carvalho⁴, Paloma Silva e Silva⁵, Wilma Raquel B. Ribeiro⁶.

RESUMO

A transição para a parentalidade constitui um período crítico de reorganização conjugal e redefinição de papéis sociais. Este estudo teve como objetivo analisar as mudanças nos papéis desempenhados por casais na experiência do nascimento do primeiro filho, com ênfase nas configurações contemporâneas da paternidade. Trata-se de pesquisa exploratória, transversal, de abordagem qualitativa. Participaram dez casais, com idades entre 25 e 40 anos, vivenciando a primeira experiência parental. Os resultados indicam que as transformações na dinâmica conjugal têm início ainda no período gestacional, intensificando-se após o nascimento, quando as demandas do recém-nascido passam a organizar a rotina familiar. Observou-se reconfiguração do tempo do casal, redução das atividades de lazer compartilhadas e necessidade de negociação constante das responsabilidades parentais. Evidenciaram-se elementos da chamada “nova paternidade”, caracterizados por maior envolvimento dos pais nos cuidados diretos ao bebê, apoio à mãe e participação nas tarefas domésticas. Conclui-se que a chegada do primeiro filho promove significativa reorganização relacional e funcional do casal, exigindo redefinição dos papéis parentais e ajustes na dinâmica conjugal.

Palavras-Chave: Transição para a parentalidade. Papéis sociais. Conjugalidade. Paternidade contemporânea. Família.

Editor Científico: Elias Ferreira Porto
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido: 25/01/2025
Aprovado: 10/04/2025

¹ Graduando(a) em Psicologia pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE). *E-mail:* isabelalima.il.102@outlook.com;

² Pós-graduando em Neuropsicologia pela Faculdade Líbano. *E-mail:* psicomaciel777@gmail.com;

³ Pós-graduando em Neuropsicologia pela Faculdade Líbano. *E-mail:* psi.filipeadler@gmail.com;

⁴ Mestranda em Psicologia e Intervenção e Saúde pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. *E-mail:* zzilda357@gmail.com;

⁵ Graduando(a) em Psicologia pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE). *E-mail:* spaloma458@gmail.com;

⁶ Docente no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE). *E-mail:* wilma.ribeiro@adventista.edu.br.

INTRODUÇÃO

A transição para a parentalidade representa um dos processos mais complexos do ciclo vital familiar, implicando transformações emocionais, relacionais e funcionais na vida do casal. A chegada do primeiro filho, frequentemente associada a expectativas idealizadas, introduz demandas concretas que exigem reorganização da dinâmica conjugal e redefinição dos papéis sociais dos parceiros (Gutman, 2012).

O presente estudo teve como objetivo compreender as mudanças nos papéis sociais desempenhados pelo casal a partir do nascimento do primeiro filho, com ênfase nas funções maternas e paternas e nas implicações dessas transformações para o cotidiano conjugal. Parte-se do pressuposto de que a parentalidade inicial constitui uma fase de transição identitária, na qual homens e mulheres precisam integrar novos papéis às suas trajetórias pessoais e conjugais.

Os papéis sociais são construídos ao longo das interações e experiências vividas nos contextos socioculturais, sendo constantemente negociados, redefinidos e ressignificados (Savoia, 1989). No âmbito familiar, tais papéis se estruturam a partir das expectativas recíprocas entre os membros do grupo, podendo gerar tensões quando há incongruência entre demandas, valores e condições concretas de desempenho (Lane, 2006; Kahn et al., 1964).

O nascimento do primeiro filho configura um evento potencialmente desencadeador de conflitos de papéis, uma vez que altera rotinas, prioridades e formas de interação entre os cônjuges. Estudos apontam que, nesse período, podem emergir dificuldades relacionadas à divisão de responsabilidades, à gestão do tempo e à adaptação emocional às novas exigências da parentalidade (Gutman, 2012).

Apesar do crescente interesse acadêmico sobre maternidade, a paternidade tem recebido atenção relativamente menor na literatura, o que reforça a necessidade de investigar as configurações contemporâneas do exercício paterno (Bornholdt et al., 2007). Transformações socioculturais recentes têm contribuído para a emergência de modelos de paternidade mais participativos, nos quais o pai se envolve não apenas como provedor, mas também nos cuidados diretos e na vida afetiva dos filhos (Bernardi, 2017; Staudt & Wagner, 2008).

Entretanto, esse movimento ocorre em meio a tensões entre modelos tradicionais e novas expectativas sociais, o que pode gerar ambivalências, inseguranças e sobrecarga emocional para ambos os parceiros (Diehl, 2002). A compreensão dessas transformações torna-se fundamental para

analisar como o casal negocia suas funções parentais e conjugais na experiência da primeira parentalidade.

MÉTODO

Trata-se de estudo qualitativo de caráter descritivo-interpretativo, com delineamento transversal, voltado à compreensão das transformações nos papéis conjugais durante a transição para a parentalidade.

Participaram do estudo dez casais residentes em um município do Recôncavo Baiano, vivenciando a experiência do primeiro filho. Os critérios de inclusão foram: (a) ambos os parceiros serem primíparos, (b) idade entre 25 e 40 anos, (c) filho com idade entre 0 e 24 meses, e (d) disponibilidade para participação voluntária. Todos os participantes possuíam ensino superior completo ou em andamento.

O número de participantes foi definido por saturação teórica, quando as entrevistas passaram a apresentar recorrência temática e ausência de novos elementos analíticos relevantes.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, realizadas separadamente com mães e pais, a fim de reduzir possíveis influências relacionais nas respostas e favorecer maior liberdade de expressão. O roteiro foi elaborado com base na literatura sobre transição para a parentalidade e papéis sociais familiares. As entrevistas abordaram: experiências do primeiro contato com o bebê; dificuldades relacionadas aos cuidados parentais; mudanças na rotina conjugal e familiar.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra. A duração média foi de aproximadamente 90 minutos.

Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2011), operacionalizada em três etapas: pré-análise: leitura flutuante e organização do

corpus; exploração do material: codificação e agrupamento em categorias temáticas; tratamento e interpretação: construção de eixos analíticos à luz do referencial teórico. O processo analítico foi realizado de forma iterativa, com revisões sucessivas das categorias, buscando coerência interna e consistência interpretativa.

Aspectos éticos

O estudo foi conduzido de acordo com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, com assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa competente sob CAAE: 18568619.0.0000.0042.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados consistiram nos seguintes achados abaixo, apresentados em tópicos. O primeiro, teve por intuito evidenciar as 1) vivências e impactos do primeiro contato com o bebê; em seguida, encontramos as 2) dificuldades enfrentadas pela figura paterna, relacionadas aos cuidados do recém-nascido; e por último, 3) adaptação da rotina, abordando desde como a mesma se modifica e até que ponto. Discutimos ainda, em cada tópico, a relação do pai com o bebê, destacando os aspectos da nova paternidade.

Vivências e impactos do primeiro contato com o bebê

Trevarthen (2014) afirma que um feto, ainda no útero já é capaz de identificar a voz da mãe. A relação entre pais e filhos ainda que esteja dentro da barriga da mãe é de extrema importância, pois a criança é capaz de criar laços afetivos com quem está a se comunicar com ela. Quanto a essa afirmativa, lemos a seguinte fala:

C7: “Desde a barriga que eu canto para ela, quando ela nasceu, essa mesma música é a música que ela mais gosta até hoje, se ela tiver chorando é só colocar que ela fica quietinha”. (Mãe)

Conforme relatado acima, o contato com o bebê é importante desde sua vida intrauterina,

e marcado por experiências significativas entre a mãe e o feto. A presente fala confirma os achados científicos relativos a ligação afetiva entre mãe e bebê, e como essa ligação influencia a relação de ambos após o nascimento.

O parto por sua vez é uma experiência extremamente importante na vida de uma mulher. A experiência de dar à luz é tão marcante que, durante anos, o evento e os sentimentos experimentados durante o nascimento do bebê serão lembrados nos mínimos detalhes (KITZINGER, 1987). Segundo Raphael-Leff (1997 apud PICCININI, 2008) o parto para a mulher é o momento de se deparar com o bebê real, que gestou por 9 meses, e que provavelmente será diferente do tão sonhado imaginário, idealizado durante a gestação. Quanto a essa experiência, vemos os seguintes relatos:

C9: “O primeiro contato com o meu bebê foi quando ele nasceu, eu pude colocar ele todo quentinho em cima de mim, uma sensação muito boa”. (Mãe)

C2: “Eu não via a hora dela nascer, eu ficava nasce, nasce, nasce, para ser mais fácil para mim cuidar”. (Mãe)

Foi possível perceber a carga afetiva e o prazer de compartilhar a experiência do primeiro contato, evidenciados nas falas acima apresentadas pelas mães. Ao relatarem sobre os primeiros contatos com seus bebês, tudo ficou intimamente gravado nos seus pensamentos.

Dificuldades enfrentadas pela figura paterna relacionadas aos cuidados com o recém-nascido

Nessa categoria, apresenta-se as dificuldades acerca dos cuidados com a criança. Segundo Eizirik (2001), tornar-se pai e mãe é um dos acontecimentos mais marcantes no ciclo de vida de qualquer indivíduo. Os novos pais se deparam com uma realidade completamente diferente, jamais vista antes. Eles necessitam fazer muitas renúncias. Alguns genitores afirmaram o que lemos, da seguinte maneira:

C3: “Eu tive dificuldade no início de aprender cuidar dele na verdade, na maternidade mesmo ela (esposa) não podia fazer nada então eu que tive que aprender trocar fralda, [...] então foi bem complicado no início”. (Pai)

C6: “A maior dificuldade foi em relação ao momento do dormir. Ele só dormia com a minha esposa. Por isso, ela ficou muito sobrecarregada e cansada. Essa foi minha maior dificuldade, que acabou prejudicando minha esposa”. (Pai)

É notória a existência de dificuldades com relação ao bebê, logo após o seu nascimento, uma vez que os pais se deparam com novas experiências, especialmente quanto aos cuidados prestados a criança recém-nascida.

A questão da participação do homem enquanto pai quanto aos cuidados com o bebê é um processo que se inicia já na gestação. De acordo com Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) a mãe assume um papel muito importante nessa aproximação do pai com o filho. Esse papel é destinado a ela, pois, como é quem está diretamente envolvida nos cuidados com o bebê, pode facilitar ou dificultar a aproximação pai-bebê e, conseqüentemente, a criação do vínculo entre eles. Quanto a essa afirmativa, lemos o seguinte relato de um dos pais entrevistados:

C2: "[...] A gente sabe que a bebê tem uma dependência muito maior da mãe do que do pai, por mais que o pai esteja ali querendo fazer alguma coisa, mas na realidade algo que somente a mãe pode fazer, por exemplo: amamentar, ela está chorando de fome e só a mãe que pode amamentar, mas na hora de arrotar eu falo: amor quer que eu ponha para arrotar, aí ela fala: toma põe ou, ah não deixa ela aqui pra ela manter o cochilo dela[...]".
(Pai)

A fala acima, confirma o que Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) discutem acerca da relação de mediação que a mãe realiza entre o pai e o bebê, uma vez que ela está atenta aos cuidados necessários, direcionando o pai na tarefa de cuidar da criança, dessa forma, fortalecendo o vínculo entre ambos.

Os homens vêm encontrando formas de participar desse processo de cuidado com os filhos, mostrando que esse momento está, a cada dia que passa, menos restrito ao universo feminino. Com esse movimento, os pais começam a refletir sobre a paternidade e podem questionar antigos valores e definições. Essa abertura autoriza uma nova concepção e nova forma de vivenciar esse papel (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007). Vemos essa participação da figura paterna, descrita pelos participantes entrevistados, a partir dos seguintes relatos:

C8: "Nós somos muito apegados, tanto é que minha esposa comenta, não comigo mais com algumas amigas que ela tem medo, da relação que eu tenho com o meu filho, ela tem medo, por ser mãe, foi quem amamentou, quem carregou, 9 meses no ventre aí ela acha ele muito apegado a mim, aí nós temos uma relação muito boa, entre pai e filho". (Pai)

C2: "Demais, porque às vezes a gente divide, tipo a questão da rotina, então

ele (esposos) fica com ela (bebê) enquanto eu estou arrumando a casa, fazendo as coisas, então ele ajuda bastante”. (Pai)

Os relatos acima evidenciam a presença do homem enquanto pai, no que se refere aos cuidados ao bebê, também atuando como auxiliador das tarefas domésticas, quanto a dedicação e o interesse em interagir e dispendem tempo e atenção a criança, havendo maior participação da figura paterna na interação com o bebê.

Nota-se, evidentemente, que, quando a mulher permite maior participação do pai no cuidado do bebê e este sente prazer nisso, menos provável é o isolamento da mãe e maior será a felicidade da nova família (STAUDT E WAGNER, 2008). Assim, conforme Staudt e Wagner (2008), a mulher possui um papel importante como incentivadora da demanda por um homem mais envolvido e interessado, a fim de torná-lo mais participativo nas questões subjetivas das relações, o que otimiza a qualidade de vida familiar. Sobre tal afirmativa, lemos o seguinte relato:

C1: “Ele(esposos) me ajudou bastante na questão de aceitação e também porque ele(bebê) mamou complemento mas eu não deixava de dar o peito, eu sempre dava um e dava o outro pra poder também ir ajudando, é um fator importante nessa fase. É bem legal!Ajudou muito, ele(esposos) auxiliava, dava apoio psicológico necessário”. (Mãe)

C5: “Para mim é um prazer tá cuidando da minha filha porque foi algo que a gente tinha sempre em mente de sempre acompanhar em todos os momentos. Então cada momento da vida dela eu procuro sempre acompanhar. [...] nascimento dos dentes, as primeiras falas, os primeiros passos, tudo isso é um prazer pra gente... tá acompanhando, a gente não quer perder nenhum passo dela”. (Pai)

Conforme lemos nos relatos acima, um dos pais entrevistados afirmou, inclusive, que a tarefa de cuidar do bebê é um prazer. Essa emoção vivenciada, reforça as afirmativas dos autores acima citados, acerca da qualidade de vida da família, em decorrência de maior participação da figura paterna.

Adaptação da rotina

Menendez (2004 apud JAGER; BOTTOLI, 2011), firma que no decorrer das primeiras semanas após o nascimento do bebê, é no voltar para casa que recomeça para os pais a aventura da descoberta de um novo ser que habita aquele ambiente. Essa nova etapa da vida familiar trará como

consequência mudanças nos costumes[...] (JAGER; BOTTOLI, 2011). Acerca da chegada do bebê e da adaptação da rotina, alguns pais afirmaram o que lemos abaixo:

C3: “Inesperada, mas foi muito bom. É claro que a rotina muda completamente, tem que se adaptar, agora que a gente começou a se adaptar, mas foi de muita alegria”. (Mãe)

C7: “Nos aspectos gerais foram bons, houve algumas mudanças que ocorreram, mas, foi bom”. (Pai)

As falas acima corroboram com o que a literatura apresenta, acerca das mudanças que ocorrem no arranjo familiar, e que são percebidas pelos casais, em decorrência da chegada do novo membro à família.

Para Sarmento e Setúbal (2003), o pai pode se sentir tanto ativo, como excluído da interação entre mãe e bebê. A compreensão e ajuda mútua entre o casal pode proporcionar reintegração e reorganização para os mesmos. Ainda para os autores, há uma mudança no foco, após o nascimento do bebê. Este passa a ser o centro das atenções. Quanto a isso, lemos os seguintes relatos:

C3: “[...] você deixa sua vida diária pra viver em função a um ser. Não faço nada só para mim tipo: salão, academia, sair com amigas”. (Mãe)

C6: “Tudo (risos). Agora é tudo é assim, faço quando dá, e no tempo dele. Quando ele deixa fazer a gente faz”. (Mãe)

C4: “Sim, muito difícil porque já num dava pra fazer as coisas como a gente fazia antigamente. [...] Antigamente a gente tinha o costume de fazer nossas coisas, assistir filme, ouvir música, comer na hora que quer, hoje não, hoje é tudo é voltado pra ela [...]”. (Pai)

Acerca das mudanças na rotina, um dos entrevistados confirmou o que os autores citados acima afirmam. As mudanças ocorreram principalmente em função da chegada da criança, de modo que atividades cotidianas e de lazer tiveram que ser adaptadas em razão do nascimento do bebê.

Ribas et al (2006) em sua pesquisa sobre bem-estar emocional de pais com a chegada do primeiro filho, aponta que estes apresentaram altos níveis de estresse devido a sobrecarga do tempo dedicado aos cuidados com a criança. Segundo Ávila (1998 apud MEDEIROS, 2001), é natural que a princípio haja dificuldades para os pais compreenderem as necessidades do filho, mas com a convivência, vão se sintonizando com ele. Medeiros (2001) afirma que a participação dos pais no cuidado com o bebê é repleta de ajustes e negociações, e que esses se mostram solícitos ao pedido

de ajuda da mãe, ainda que tenham mais dificuldades com o cuidado prestado ao bebê. Afirma ainda que o trabalho é um fator que limita a participação desses pais. As falas abaixo apresentam o seguinte teor, quanto a essa afirmativa trazida pela literatura:

C2: “[...]Lógico isso demanda um pouco mais de tempo, atenção; a gente deixa de fazer uma coisa ou outra para poder estar com a bebê, tem dia que a casa aqui, por exemplo, fica de ponta cabeça porque tem dias que a bebê carece de uma atenção maior”. (Pai)

C8: “pelo fato da minha carga horaria de trabalho ser maior do que a dela, mais na medida do possível eu dou banho, eu arrumo, eu corto o cabelo, eu ando com ele de bicicleta, de patinete, tento brincar com ele de futebol, de carrinho”. (Pai)

Conforme lemos acima, a chegada do bebê é um momento de adaptação da rotina, e esta é feita de modo que haja uma sintonia entre a rotina do casal, e as demandas do bebê. Podemos ainda, a partir desse relato, perceber a limitação da participação da figura paterna, e sua dificuldade no cuidado com o recém-nascido, em decorrência das atividades desempenhadas no âmbito profissional.

Conforme Donoso (1997 apud MEDEIROS, 2001), as mães também podem ter dificuldade em reorganizar suas vidas após o nascimento do bebê. Essa afirmativa é confirmada através das seguintes falas:

C1: “Muito muito difícil, essa rotina do casal porque é totalmente diferente, quando é só os dois e também porque levanta de madrugada pra dar mamar e essas coisas ai não tem mais o pique que tinha antes então foi bem difícil [...]”. (Mãe)

C5: “Foi um pouco, no trabalho principalmente por que deixar como eu trabalhava, então no primeiro mês, na hora que acabou o resguardo eu já tive que começar a trabalhar, aí então foi complicado, deixar ela chorando com as crises que ela tinha, tive que contratar alguém pra ficar com ela... [...] logo no primeiro mês, trabalhar assim de cara foi difícil”. (Mãe)

Segundo Medeiros (2001), as mães com criança recém-nascida apresentam necessidade de auxílio nas tarefas domésticas. Ainda segundo a autora, o pai pode sentir a necessidade de estar mais presente em casa (MEDEIROS, 2001), o que favorece uma mudança na rotina desse pai, que faz o possível para estar junto da família, e suprir as necessidades da mãe e do bebê.

C1: “[...] Sim. Qualquer momento vago é uma oportunidade para eu ficar junto dele (filho)”. (Pai)

C4: “Sim, sim. Considero sim, e faço tudo que eu posso para isso, só às vezes num acabo num sendo necessário por causa do trabalho...as duas pode precisar um pouquinho mais de atenção, mas eu me preocupo bastante com o bebê e com minha esposa”. (Pai)

C3: “Demais, ele (pai) é bem prestativo, me ajuda bastante, tipo, se eu passar uma noite acordada no outro dia ele não liga se eu deixo de fazer alguma coisa, até comida, alguma coisa, ele mesmo faz, só pra deixar eu descansar”. (Mãe)

C6: “Sim. E até hoje. É porque assim, ficou muita coisa pra mim, como ele (pai) estuda, aí me sobrecarregou porque eu tenho que cuidar dele (filho), fazer as coisas de casa ainda, aí é bem, é uma carga pesada... porque ele (pai) não tem muito tempo pra ficar com ele (filho). O tempo que ele tem ele fica, mas no mais foi pra mim mesmo, o maior trabalho”. (Mãe)

Os relatos acima confirmam os achados da literatura, quanto a maior atenção, prestatividade e interesse da figura paterna, que tenta estar sempre presente e atender as necessidades da esposa e do bebê, bem como corroboram com o surgimento de necessidade por parte das mães, por auxílio na realização de tarefas domésticas.

Para Branden (2000 apud MEDEIROS, 2001), a privação de sono é uma das causas da oscilação de humor da puérpera. Sobre a alteração na rotina do descanso noturno, vivenciado pelas mães entrevistadas, vemos essas experiências, citadas abaixo:

C2: “[...]E a maior dificuldade assim que eu tive estou te falando que foi a questão do sono, ela (bebê) tem o horário dela e eu quando perco o sono... é bem estressante”. (Mãe)

C.7. “Minha dificuldade foi em colocar para dormir, foi uma dificuldade muito grande, por que tinha que ter horário, e às vezes dormia de dia e de noite não dormia, então foi uma dificuldade muito grande”. (Mãe)

C3: “Só quando eu perco a noite porque no outro dia qualquer coisa me irrita”. (Mãe)

Para Ávila (1998 apud MEDEIROS, 2001) o filho representa tanto ganhos quanto a perda da liberdade. Ocorrem, mudanças na relação do casal, ainda que em pequeno grau, relacionadas ao tempo e a atenção que esses devem dedicar ao bebê (ÁVILA, 1998 apud MEDEIROS 2001). Algumas das mudanças relacionadas ao que o autor afirma são apresentadas nos relatos de alguns casais,

como vemos abaixo:

C3: “Dormir é a principal, sair, viajar, é muito difícil a gente fazer uma viagem, agora é bem cansativo, a gente tem que voltar mais rápido não pode ficar lá por mais tempo, então eu acho que as principais foram essas aí”. (Pai)

C6: “Sim. Ir à feira é uma delas. Outra coisa que deixamos de fazer é ir à FS comprar o que necessitamos”. (Pai)

C3: “Várias na verdade! Assistir filmes juntos, a gente assistia muito filme, sair, a gente saia muito, a gente não era de ficar em casa, a gente teve que abrir mão um pouquinho disso por causa dele, na verdade mudou completamente nossa rotina, eu não sei dizer na verdade o que ficou assim, do que era antes, mudou cem por cento”. (Pai)

As falas acima, deixam explícitas a restrição da liberdade que os pais vivenciaram em decorrência da chegada do bebê. As mudanças na rotina se dão, dentre muitos aspectos, nas atividades de lazer, bem como no tempo dedicado a essas atividades, que sofre uma redução, corroborando com a literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição para a parentalidade mostrou-se um processo de reorganização relacional e funcional do casal, marcado pela redefinição dos papéis sociais e pela reconfiguração da dinâmica conjugal. A chegada do primeiro filho operou como evento estruturante, deslocando o eixo da conjugalidade para a centralidade das demandas do recém-nascido, o que implicou ajustes contínuos na gestão do tempo, na divisão de responsabilidades e nas formas de interação entre os parceiros.

Os achados evidenciam que a experiência parental se inicia ainda no período gestacional, com a constituição de vínculos afetivos precoces, especialmente na díade mãe-bebê, e se intensifica no pós-parto, quando as exigências do cuidado reorganizam prioridades e rotinas familiares. A redução do tempo destinado às atividades de lazer do casal e a reorganização das tarefas domésticas emergiram como elementos centrais da adaptação à nova configuração familiar.

Destaca-se a presença de traços da paternidade contemporânea, caracterizados pelo maior envolvimento do pai nos cuidados diretos ao bebê, no apoio à mãe e na participação nas atividades

domésticas. Esses elementos indicam deslocamentos em relação a modelos tradicionais de paternidade, sugerindo uma ampliação das funções paternas para além do papel de provedor, ainda que tais transformações ocorram em meio a tensões, limites de tempo e exigências laborais.

O estudo contribui para o campo ao evidenciar, a partir da perspectiva dos próprios pais, como a transição para a parentalidade mobiliza processos de negociação de papéis, ajustamentos identitários e reorganização das relações conjugais. Tais achados reforçam a necessidade de abordagens que considerem a parentalidade como fenômeno relacional e dinâmico, e não apenas como evento biográfico individual.

Como limitações, destacam-se o número reduzido de participantes, a concentração em um contexto sociocultural específico e o delineamento transversal, que não permite acompanhar longitudinalmente as transformações observadas. Investigações futuras podem ampliar o escopo amostral, incluir diferentes arranjos familiares e explorar a evolução desses processos ao longo do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, D. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psicologia Revista*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 59–80, 2017. DOI: 10.23925/2594-3871.2017v26i1p.59-80. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28743>. Acesso em: 13 set. 2022.

BORNHOLD, Ellen Andrea; WAGNER, Adriana; STAUDT, Ana Cristina Pontello. **A Vivência da Gravidez do Primeiro Filho à Luz da Perspectiva Paterna**. *Psic. Clin. Rio de Janeiro*, VOL.19, N.1, P.75-92.2007.

FILHO, José Martins. **A Criança Terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. Campinas- SP. Papyrus, 2007.

GUTMAN, Laura. **Maternidade e o Encontro Com o Própria Sombra**. Rio de Janeiro, Best Seller, 2012.

JAGER, Márcia Elisa, BOTTOLI, Cristiane. **Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares**, *Psicologia: Teoria e Prática*, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria – RS- 2011.

KAHN, R. L., Wolfe, D. M., Quinn, R. P., Snoek, J. D., & Rosenthal, R. A. Organizational stress: Studies in role conflict and ambiguity. *American Sociological Association*, 30(4), p. 620, 1964.

KING, L. A., & King, D. W. Role conflict and role ambiguity: A critical assessment of construct validity. *Psychological Bulletin*, 107(1), 48, 1990.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LOPES, Rita de Cássia Sobreira. DONELLI, Tagma Scbneider. MOUSQUER, Carolina Lima, PICCININI, César A. **O Antes e o Depois: Expectativas e Experiências de Mães sobre o Parto**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul- 2005.

MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da Gravidez**. 6ª edição. Petrópolis- RJ. Editora Vozes, 1984.

MEDEIROS, Cássia Regina Gotler. **As Vivências no Retorno ao Lar com o Primeiro Filho**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, 2001.

PICCININI, Cesar Augusto et al. Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em Estudo** [online]. 2008, v. 13, n. 1 [Acessado 27 Setembro 2022] , pp. 63-72. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008>>. Epub 26 Jun 2008. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008>.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, n. 4, pp. 318-325. 1995. Disponível em:> <https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000400010>> Acessado em 7 de jul. de 2021.

PISANI, Elaine MARIA. **Temas de psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIBAS, Adriana F. Paes; RIBAS JUNIOR, Rodolfo de Castro; VALENTE, Andréa Araújo. Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 16, n. 3, p. 28-38, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 set. 2022.

SAVOIA, Mariângela GENTIL. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SILVA, Hennig. ANDRESSA; FOSSÁ, Trevisan Ivete MARIA. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Revista eletrônica do INSS, Vol. 17. Nº 1, 2015.

SILVA, Milena da ROSA. PICCININI Cesar AUGUSTO. **Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo**. Estudos de Psicologia. Pág. 562- 573.2007.

STAUDT, Ana Cristina PONTELLO. Wagner, ADRIANA. **Paternidade em tempos de mudança**. Psicologia: Teoria e Prática. Porto Alegre, 2008.

SARMENTO, Regina. SETÚBAL, Maria Silvia Vellutini. **Abordagem psicológica em obstetrícia: aspectos emocionais da gravidez, parto e puerpério**. Revista Ciências médicas, Campinas- 2003.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN**. Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 1, mai. 2012.

**FROM MARRIAGE TO PARENTHOOD:
CHANGES IN THE COUPLE'S SOCIAL ROLES IN THE EXPERIENCE OF THEIR FIRST CHILD**

ABSTRACT

The transition to parenthood constitutes a critical period of marital reorganization and redefinition of social roles. This study aimed to analyze the changes in the roles played by couples in the experience of the birth of their first child, with an emphasis on contemporary configurations of fatherhood. This is an exploratory, cross-sectional study with a qualitative approach. Ten couples, aged between 25 and 40 years, experiencing their first parental experience, participated. The results indicate that transformations in marital dynamics begin during pregnancy, intensifying after birth, when the demands of the newborn begin to organize the family routine. A reconfiguration of the couple's time, a reduction in shared leisure activities, and a need for constant negotiation of parental responsibilities were observed. Elements of the so-called "new fatherhood" were evident, characterized by greater involvement of fathers in direct baby care, support for the mother, and participation in household chores. It is concluded that the arrival of the first child promotes a significant relational and functional reorganization of the couple, requiring a redefinition of parental roles and adjustments in marital dynamics.

Keywords: *Transition to parenthood. Social roles. Conjugality. Contemporary fatherhood. Family.*